

GT22: As Festas na pandemia de Covid-19

Hugo Menezes Neto, Luciana Chianca

A COVID-19 abalou profundamente o calendário cíclico das festas populares tradicionais. Porém, contrapondo-se ao caos e à desordem pandêmicas, a festa respondeu com a concretude de processos rituais particulares, mobilizando também sentidos cosmológicos amplos do viver coletivo. Desde a preparação à realização das festas, a pandemia afetou as mobilizações, congraçamentos e encontros, pois independentemente da sua dimensão, todas foram atingidas pelo medo, inseguranças e perdas de vidas. Alterando o trânsito festivo pelos espaços e territórios, a COVID-19 interferiu no turismo e na economia de muitas cidades - pois as festas também envolvem trabalho, emprego e o sustento de muitas pessoas, famílias e grupos. Este GT pretende reunir pesquisas que abordem como as festas tradicionais da cultura popular contemporânea - carnaval, semana santa, festejos juninos, celebrações do Divino, festas de santo, romarias, procissões e cantorias, entre outras - têm enfrentado a suspensão da presença física tão determinante na experiência ritual. Queremos debater as adversidades, a adaptação e a capacidade de resiliência das festas (e festeiros) nesse período excepcional que impediu a ocupação dos espaços característicos de sua preparação e celebração, apontando, ao mesmo tempo, para uma propulsão criativa, como, por exemplo, nas mobilizações virtuais. Em "tempos de cólera", como a experiência festiva se reconfigura através de novas práticas, dinâmicas e ordenamentos?

Na pandemia tem carnaval? Notas etnográficas sobre festas e a ocupação dos espaços públicos na Cidade Baixa

Autoria: Joanna Munhoz Sevaio

O coração da vida boêmia de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, historicamente fica no bairro Cidade Baixa. Lá foi o nascedouro do samba e do carnaval porto-alegrenses, sendo para isso fundamental a influência da população negra que habitava a região e que foi, ao longo do século XX, gradualmente sendo expulsa para lugares menos centrais da cidade. Foi lá também onde realizei o trabalho de campo de minha dissertação, uma etnografia sobre as práticas e sociabilidades dos jovens que frequentam o bairro e sobre controvérsias envolvendo os moradores incomodados com sua presença nas ruas. O carnaval de 2020 foi catalisador de uma série de discussões sobre o direito a ocupar os espaços públicos para a realização de festas e encontros, havendo inclusive repressão policial para controlar os foliões. Os defensores da realização do carnaval de rua no bairro reivindicavam sua tradição carnavalesca, enquanto parte dos moradores, ancorados no poder público, buscavam controlar e dispersar a festa. Logo depois, a chegada da pandemia mudou drasticamente o cotidiano na Cidade Baixa, com bares, casas noturnas e restaurantes fechados, sendo a segurança sanitária um elemento a mais nas controvérsias que envolvem a vida noturna. Neste trabalho, meu objetivo é discutir sobre os fluxos e arranjos da vida noturna do bairro a partir da pandemia de COVID-19, considerando os diferentes momentos e medidas de restrição e, sobretudo, as saídas de alguns blocos de carnaval em 2022, a despeito da decisão estatal de proibir aglomerações no período. O carnaval de rua, nesse caso, aparece como maneira de praticar a Cidade Baixa e também como reivindicação de ocupação dos espaços públicos.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

